



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

MARIA DA CONCEIÇÃO MARTINS SANTIAGO DA SILVA

ELAS EM CAMPO: A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO
TELEJORNALISMO ESPORTIVO

CAMPINA GRANDE
2016

MARIA DA CONCEIÇÃO MARTINS SANTIAGO DA SILVA

ELAS EM CAMPO: A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO TELEJORNALISMO
ESPORTIVO

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Ma. Luciellen Souza Lima

CAMPINA GRANDE
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Maria da Conceição Martins Santiago da
Elas em campo [manuscrito] : a participação da mulher no
telejornalismo esportivo / Maria da Conceicao Martins Santiago da
Silva. - 2016.
36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Ciências Sociais Aplicadas, 2016.

"Orientação: Profa. Ma. Luciellen Souza Lima, Departamento
de Comunicação Social".

1. Telejornalismo esportivo. 2. Mulher. 3. Esporte. I.
Título.

21. ed. CDD 070.195

MARIA DA CONCEIÇÃO MARTINS SANTIAGO DA SILVA

ELAS EM CAMPO: A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO TELEJORNALISMO
ESPORTIVO

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado
ao Curso de Comunicação Social com habilitação
em Jornalismo, da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau
de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa Ma. Luciellen Souza Lima

Aprovada em: ____/____/____.

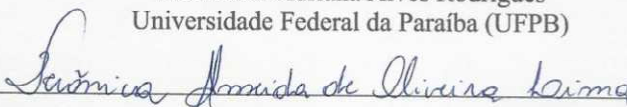
BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Luciellen de Sousa Lima –(Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Adriana Alves Rodrigues
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Profa. Ma. Verônica Almeida de Oliveira Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Gratidão!

Ao Criador do universo, pela perfeição e grandiosidade em cada detalhe da gênese da humanidade. Pela força diária: física, mental e emocional, essenciais para que eu pudesse atravessar os bons e maus momentos dessa longa jornada.

À Universidade Estadual da Paraíba por possibilitar a realização acadêmica.

Aos funcionários do Departamento de Comunicação pelas prestações de serviços.

Aos docentes com quem tive oportunidade de conviver por meses e anos, especialmente Luciellen Lima, orientadora desse projeto, e às examinadoras da banca, Verônica Oliveira e a querida Adriana Alves. Esse trio representa alguns dos bons mestres que marcaram minha formação, seja por os seus métodos educacionais justos, pelo aprendizado, ou, simplesmente, pelo trato humano afetuoso.

Aos profissionais do telejornalismo esportivo, pela contribuição com esta pesquisa, entre 2013, 2014 e 2016: Roger Casé, Claudia Prosini, Sabrina Rocha e Bárbara Coelho.

À Allyne Vidal por ter compartilhado comigo suas noites na universidade, durante poucos e bons anos.

À Geyza Miriam pela contribuição na maior parte de minha vida escolar. Por permitir-me aprender muito no Insegem, instituição da qual lembro-me com nostalgia.

Aos meus parentes, que em algum momento de minha caminhada ofertaram uma palavra de incentivo.

Às pessoas da IEMS pelas quais tenho afeto.

Aos colegas e amigos de Taquaritinga, que em alguma circunstância já me ajudaram.

À minha família: pai, Heleno, irmãos, Isabel e André, e sobrinhos, Pablo e o que nascerá em alguns meses.

À minha mãe, Otávia Leandro, pelo exemplo, e por tudo que proporcionou em meus vinte e poucos anos. Faltam palavras para agradecer e mensurar sua importância. Amo-lhe profundamente.

À Maria da Conceição Martins, por não ter desistido do jornalismo, mesmo esta sendo uma profissão, por vezes, não muito justa.

Aos meus animais, pela pureza, inocência, e por preencherem meu coração com amor.

ELAS EM CAMPO: A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO

Maria da Conceição Martins Santiago da Silva¹

RESUMO

O sexo feminino já teve seu espaço consolidado nas redações e chefias de veículos de comunicação. Entretanto, elas são minoria nas editorias de esporte. Este estudo tem como desafio geral entender a participação feminina no telejornalismo esportivo. Antes de tudo, pretende-se revisar as lutas de gênero e as características do telejornalismo esportivo, campos inter-relacionados. Agregando empiricamente relatos de especialistas em esportes da mídia televisiva brasileira, que contribuíram com suas opiniões e experiências através de entrevistas textualizadas. Os relatos qualitativos, associados a conteúdos bibliográficos mostram que apesar da participação minoritária, o espaço e relevância da mulher nos programas de TV sobre esporte cresceu nas últimas décadas. Porém, ainda existem lugares a serem alcançados.

Palavras chaves: Telejornalismo Esportivo. Mulher. Esporte

INTRODUÇÃO

2016. Enquanto os Estados Unidos ainda tentam eleger a primeira mulher no cargo máximo da política, a República Federativa do Brasil passou por um processo de *impeachment* de sua pioneira, Dilma Rouseff, hoje, ex-presidente.

Já passaram-se seis anos desde que Rouseff assumiu o poder, após 500 anos de monopólio masculino. Entretanto, em plena era tecnológica, com um mundo globalizado, o Tribunal Superior Eleitoral precisa fazer campanhas tentando quebrar paradigmas e a desigualdade de gênero nos pleitos eleitorais. Pois, como lembra Toffoli (2016), ex-presidente do TSE, quando se trata da inserção feminina na política, o Brasil possui participação inferior a países muçulmanos, como o Irã.

Ao longo da história, a mulher buscou desligar-se do estereótipo de sexo frágil e incapaz, para lutar por oportunidades nunca ofertadas. Muitas conquistas femininas são recentes, outras, ainda nem se deram por completo. É o caso da diferença salarial. De acordo com Pesquisa Mensal de Emprego (PME), ainda há disparidade de renda e

¹ Aluna de Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: marimartinsantiago@gmail.com

oportunidades entre os gêneros. Em 2009, na indústria, a diferença de ocupação com carteira assinada era de 73,3% de homens para 53% de mulheres (IBGE, 2010).

É vasta a presença da classe feminina nas redações dos veículos de comunicação. O que não se repete por trás das quatro linhas dos estádios. Ou seja, nas coberturas de desportos. Apesar de a mulher já ter se inserido, desde os anos 70, no jornalismo esportivo, os homens ainda são maioria.

Apesar do destaque feminino na mídia desportiva, ainda existe uma minoria em redações e áreas como narrações, mesas redondas, colunas. O Gênero e Numero² fez um levantamento, através do *ranking* da Associação Nacional de Jornais (ANJ), onde se detectou: nos principais jornais impressos e digitais, com liderança em seus estados, a média de colunistas esportivos é de trinta e sete homens para três mulheres.

Gabriela Moreira, da ESPN Brasil, representa essa classe minoritária. Ela também simboliza as vítimas de assédio à beira dos gramados.

O machismo não se instala somente no futebol. É que aqui, ele ganha ares de licença poética. O machismo que vi na polícia e na política é o mesmo. Mas aqui, ele sai entre um "olê, olê, olá" e vez em quando, depois de um "Chupa" [...] Você vai ver eu te chupando todinha, sua vagabunda", foi um dos gritos que ouvi por longos 40 minutos. Gritado por dezenas de torcedores, na frente de pessoas com as quais me relaciono diariamente. Não pisquei, não desviei o olhar. Respirei bem de perto [...] Ouvir o que ouvi hoje é para os fortes.³ (MOREIRA, 2015).

O caso de Moreira não aconteceu exatamente por ela ser jornalista de esportes, entretanto, mostra que mulheres de profissões deveras masculinizadas, como essa, estão mais suscetíveis ao sexismo diariamente. Com base nisso, o objetivo geral deste artigo é refletir sobre o cenário contemporâneo da participação feminina no jornalismo esportivo televisivo nacional, através da visão de especialistas do nicho. A partir daí surgiram algumas dúvidas. Episódios como os de Gabriela Moreira são recorrentes ou, na hodiernidade, é algo atípico? Para atuar nessa área é necessário seguir estereótipos de

² O site Gênero e Número é uma plataforma jornalística de dados, formada por jornalistas especializadas em comunicação de dados, que visam contribuir com pesquisas de gênero.

³ O relato da jornalista Gabriela Moreira foi feito em uma rede social pessoal e divulgado no UOL Esporte, em dezembro de 2015. Disponível em: <<http://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2015/12/03/reporter-da-espnn-faz-desabafo-sobre-assedio-sofrido-em-final-da-copa-do-br>>. Acesso em: 08 set. 2016.

beleza? A audiência dos programas será maior com uma mulher na apresentação? Há equidade salarial? Que espaço a mulher ainda não garantiu na cobertura do esporte?

Especificamente, os objetivos são: apontar as características do telejornalismo esportivo; Abordar brevemente as lutas do gênero feminino; Refletir sobre a inserção da mulher no telejornalismo esportivo; Relacionar o conteúdo bibliográfico com reflexões de mulheres jornalistas de televisão, da área do esporte, sobre a participação delas como profissionais desse gênero na contemporaneidade.

Na construção deste estudo utilizamos duas metodologias principais: pesquisa bibliográfica e entrevista. A pesquisa bibliográfica “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema” (Cervo e Bervian, 1983, p. 55). Permitindo à pesquisadora o embasamento necessário para as reflexões propostas. Em busca de publicações diversas que pudessem contribuir com esse estudo também foram realizadas pesquisas na internet.

As entrevistas foram feitas por *e-mail* no formato de questões abertas. Foram enviadas as mesmas perguntas para dez jornalistas atuantes na comunicação televisiva esportiva com perfis semelhantes. Para a escolha dessas profissionais o critério de proeminência nas maiores emissoras do nicho foi utilizado. Das dez, três retornaram às mensagens, sendo essas as fontes de pesquisa empírica. Claudia Prosini e Sabrina Rocha, ambas da Rede Globo NE, e Bárbara Coelho, do SporTV, canal fechado referência em esporte são as entrevistadas. Suas respostas foram obtidas entre 2014 e 2016.

Tais estudos são justificáveis por trata-se de uma esfera da comunicação que carece de uma quantidade maior de investigações atualizadas e com fontes distintas das já apresentadas. Além de interesse pessoal da pesquisadora por grandes eventos esportivos e pela linguagem diferenciada das reportagens televisivas desse nicho da comunicação.

Mesmo antes de o Brasil sediar as maiores competições mundiais: Pan Americano (2007), Copa do Mundo (2014), e Olimpíadas (2016), a cobertura esportiva era um assunto demasiadamente incensado na mídia nacional, no começo dessa década. Andamentos de obras, protestos da população pelos altos gastos nos projetos de arenas esportivas, corrupção envolvendo o alto-escalão dos mais importantes órgãos ligados ao futebol, dopagem de atletas, são questões amplamente abordadas pela imprensa. Todos

esses fatores reunidos justificam pesquisas que entendam um pouco mais do que é esse jornalismo especializado, quais são as suas características e linguagem.

Justifica-se, também, essa pesquisa, pela ampla evidência dada a debates acerca da representatividade de minorias. Um dos exemplos é a edição de 2015 do Oscar, onde artistas politizaram suas preleções, denunciando, entre outros temas, a desigualdade de gênero em Hollywood⁴. Patricia Arquett, premiada com a estatueta de melhor atriz coadjuvante, pela atuação em *Boyhood*, discursou pela similitude nos direitos e rendimentos financeiros entre homens e mulheres.

2 QUESTÃO DE GÊNERO

"A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo". (BEAUVOI, 1949, pag. 18). Século XIX, a incumbência feminina era o trato do privado: cuidar do lar e filhos. Enquanto o homem dava sequência à ideologia patriarcal, provendo alimento para família e trabalhando fora. Nesse período, Beauvoi (1949) cita a fragilidade física feminina como uma impotência e inferioridade em relação ao macho. Quase não existiam mulheres que tentassem derrubar esse pensamento milenar. A "gérmen" (ROCHA, 2015) do feminismo viria em 1792, através da inglesa Mary Wollstonecraft.

Porém, em solos franceses, Gouges, outra rebelde símbolo revolucionário dos direitos femininos, já tinha tornado público seu pensamento de que toda constituinte que ousasse excluir o sexo feminino deveria ser ignorada, em 1791. Olympe de Gouges defendia seu sexo como merecedor de inseri-se na participação civil pública; de ter equidade educacional, criminal; além dos direitos de divorciar-se e partilhar bens com o cônjuge; mais amparo de leis que garantissem aos filhos bastardos reconhecimento paterno. Seus ideais progressistas foram vistos como perigosos e a levaram a morte. No ano de 1793 fora guilhotinada. (ROCHA, 2015).

4

Disponível

em

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150223_oscar2015_politica_cc>. Acesso em 07 de setembro de 2016.

Se mulheres como Mary, Olympe, Simone de Beauvoir contribuíram gloriosamente para a busca de direitos de sua classe, no século XX alguns grupos continuaram a luta. Nova Iorque, 25 de Março de 1911. Triangle Shirtwaist. Indústria têxtil. Entrou para a história como palco de um acidente, que é simbologia da luta feminista até a modernidade. Após um estrondoso incêndio, 130 operárias tentaram evacuar a fábrica, entretanto, morreram carbonizadas, graças à precariedade nas condições trabalhistas (NADAL, 2016). Ainda nos Estados Unidos, na década de 60, a pílula anticoncepcional já era realidade. Eclodia-se aí movimentos pautados no direito à liberdade de escolha sexual e materna. Oito anos mais tarde, em Atlantic City, durante o Concurso Miss América, a famosa "queima" de sutiãs marcaria gerações. Buscando a quebra de estereótipos de beleza impostos por uma sociedade machista, mulheres empilharam a peça de *lingerie*, juntamente com outros itens, para incinerá-los em protesto, contudo a prefeitura local não liberou o ateamento (DIAS, 2012).

Mesmo com tantas batalhas, a disparidade de gênero ainda é global. Afinal, "ser mulher nos EUA não é tão melhor do que [...] no Brasil", afirma Queiroz (2016), para o site BBC. A especialista em feminismo complementa:

Segundo o RAINN, maior instituto de estudo e prevenção de estupro dos EUA, aqui ocorre um estupro a cada dois minutos. No Brasil, com população 37% menor que a americana, há 1 estupro a cada 11 minutos, segundo o 9º Anuário Brasileiro da Segurança Pública [...] Mulheres americanas ganham 21% a menos que os homens — no Brasil, 30% a menos — e elas ocupam 19,4% dos assentos no Congresso - no Brasil, são 10%. Mas, se me perguntarem o que estou achando de ser mulher nos EUA, eu digo: tá mais ou menos igual.

No esporte, atividade varonil desde o berço, não seria diferente. Elas ganham menos em quase todas as modalidades e têm menos espaço na cobertura midiática. Foi o que levantou o Número e Gênero (2016), após analisar os programas de TV, *Sportscenter* (ESPN) e Esporte Espetacular (Globo). A conclusão: mais de 24 h dedicadas a exposição de atletas homens contra 02h55min ao sexo oposto.

1896. Primeira edição dos jogos olímpicos e a representatividade feminina na prática esportiva era nula. Elas não competiam. Mais de 100 anos depois, já são 46% da totalidade de atletas. Entretanto, essa inserção nos ginásios, arenas e gramados não são equivalentes financeiramente. Se observarmos o exemplo da Copa do Mundo, em suas últimas edições: feminina, 2015 e masculina, 2014, as equipes vencedoras,

respectivamente, conquistaram US\$ 2 e US\$ 34 milhões. Cerca de US\$ 200 mil para cada jogadora e US\$ 3 milhões para os jogadores. Esses valores, pagos pela FIFA, revelam que apesar das mesmas regras em campo, existe uma discrepância monetária sexista (GENÊRO E NÚMERO, 2016).

Individualmente, a categoria menos equânime continua sendo a futebolística. Neymar e Marta. Dois craques brasileiros consagrados mundialmente. Contudo, apesar de a alagoana já ter recebido por cinco vezes o prêmio de melhor jogadora do mundo e ter superado a marca de Pelé na seleção canarinho, como maior artilheira da história do país, com 103 gols, financeiramente, o domínio é de Neymar. Mesmo com apenas 50 tentos⁵ contabilizados e tendo figurado apenas uma vez entre os três melhores jogadores do globo, o paulista, de 24 anos, embolsa, anualmente, cerca de US\$ 15 milhões *versus* US\$ 400 mil de Marta, aos 30 anos. (MAZZOTE, 2016).

A mídia, por décadas, alimentou a sociedade com heróis e mitos masculinos, sem muita representatividade feminina no esporte. Provavelmente tenha contribuído para essa alarmante discrepância salarial, pois sem visibilidade, não há grandes patrocínios. Por mais de 25 anos na editoria, Prosini (2016) defende que a divulgação é a chave para aflorar o interesse por parte do público e patrocinadores no futebol feminino:

É um trabalho que vem sendo feito. Veja como foi nos jogos Olímpicos 2016. Em certo momento, o jogo das mulheres chamou mais atenção que o dos homens. Talvez com o tempo, isso mude. O importante é divulgar, cobrir e não deixar de lado quando os jogos olímpicos terminam. Atualmente estamos mostrando a participação do Vitória (feminino) na Copa do Brasil, no esporte da Globo NE.

Um dos notáveis passos para a igualdade de gênero no futebol do continente deu-se em 13 de setembro de 2016, porém, só tornou público no dia 30. A Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) divulgou um novo estatuto e regras atualizadas para as suas competições. Em uma delas, a obrigatoriedade, dos clubes que disputarão as Copas Libertadores e Sul-Americana, de possuírem uma equipe feminina. A exigência só terá validade a partir de 2018, e a maior equidade só será possível em décadas, talvez, porém, o rebuliço começa já. Uma das provas é a

⁵ O termo ‘tento’ é sinônimo de gol no futebol.

decisão histórica da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). No primeiro dia de novembro, a entidade anunciou a primeira mulher que ocupará o cargo de treinadora da seleção feminina. Além de mudanças no torneio nacional de times do segundo sexo, e ofertamento de premiações e ajudas financeiras. Um marco para a igualdade de gênero na modalidade.

3 TELEJORNALISMO ESPORTIVO: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS

Hohlfeld (2010. p. 13) afirmou que a TV é unanimidade em solos brasileiros. Mesmo quando a internet domina as novas gerações, ele lembra: “cem por cento dos lares brasileiros possuem um aparelho” televisor. E, apesar do advento global de plataformas vanguardistas, como redes sociais e *Netflix*⁶, o veículo continua importante na medição da identidade cultural de um país, frisa Hohlfeld (2010). Para entendermos brevemente a mídia televisiva voltemos mais de seis décadas no passado.

"A televisão brasileira foi inaugurada oficialmente no dia 18 de setembro de 1950, em estúdios precariamente instalados em São Paulo, graças ao pioneirismo de Assis Chateaubriand" (MATTOS, 2010, pag. 23). Com a *media* chegava também o telejornal, em solos tupiniquins. Em 1991, a Globosat e a TVA deram início a "história da televisão por assinatura brasileira" (COELHO, 2008, p.69). Um ano após, a organização da família Marinho fundava o SporTV. Em 1995, após sociedade com os grupos Abril e *Disney* a antiga TVA transmutou-se em ESPN. Além das mais antigas, são as emissoras especializadas em esporte mais consagradas do país.

Antes de tudo, o jornalismo esportivo constitui uma atividade oriunda do jornalismo, que visa cobrir assuntos específicos como qualquer outro segmento especializado. Sabe-se que "o esporte e a comunicação sempre andaram juntos" (MORAIS, 2012, pag.11). Portanto, o esporte sem a comunicação não passa de uma atividade fisiológica e biomecânica (BORELLI, 2002). De acordo com Moraes (2012),

⁶ "O Netflix completou cinco anos em atuação no Brasil no dia cinco de outubro. A empresa, que começou em 1997 nos Estados Unidos como uma locadora de entrega de DVDs e só em 2007 começou a disponibilizar o acervo de forma online, faturou R\$ 1,1 bilhão no Brasil no ano passado". Informação dada em 13 de setembro de 2016, pelo site <http://www.tudocelular.com/>.

não só na contemporaneidade, mas, desde a civilização grega que o desporto está atrelado à cultura, política e comunicação. Pois, além de competir, é preciso comunicar as conquistas, a técnica empregada, as disputas vencidas. Historicamente, esse nicho jornalístico é datado em pouco mais de 100 anos.

Segundo Fonseca (1997, apud GONÇALVES; CAMARGO, 2005), o primeiro registro de uma grande cobertura dessa editoria, deu-se em solos franceses, em 1854. Caça, canoagem, natação e turfe eram as modalidades noticiadas pelo *Le Sport*. Porém, o inglês *Bell's Life*, que anos depois viria a chamar-se *Sporting Life*, foi o pioneiro no mundo da imprensa esportiva. Em 1950, a reportagem esportiva pioneira na televisão brasileira fora oriunda da partida entre Portuguesa de Desportos e São Paulo (GONÇALVES; CAMARGO, 2005).

Qualquer pessoa, em 2016, duvidaria que em solos tupiniquins, já se ouviu do notável escritor Graciliano Ramos, o seguinte palpite: "Futebol não pega, tenho certeza; estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho" (COELHO, 2008, p.7). O relato feito por Graciliano, escritor e comentarista, no começo do século XX, fora "talvez o maior engano da história do esporte brasileiro", segundo Coelho (2008, p. 7).

Atualmente, a relevância da comunicação esportiva dá-se como fenômeno da indústria cultural da comunicação de massa, não deixando dúvidas de que suas proporções são gigantes (MORAIS, 2012). A analogia perfeita dá-se com a Copa do Mundo – torneio futebolístico organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA).

Você pode estar se perguntando por que o secretário-geral das Nações Unidas está escrevendo sobre futebol. Mas a Copa do Mundo faz com que nós, nas Nações Unidas, morramos de inveja. Como o único jogo realmente global, praticado em todos os países, por todas as raças e religiões, é um dos poucos fenômenos tão universais quanto as Nações Unidas. Podemos até dizer que é ainda mais universal. A FIFA tem 207 membros. Nós temos 191 [...]. (ANNAN, 2006)⁷

A Copa do Mundo da FIFA é o evento esportivo de maior audiência do universo. Cerca de 715,1 milhões de pessoas assistiram à final de 2006, na Alemanha. O evento de 2010, na África do Sul, fora transmitido a 204 países por 245 canais

⁷ O relato de Kofi Annan fora feito em junho de 2006, em um artigo para o Jornal Folha de S. Paulo.

diferentes.⁸ Na última edição, em 2014, - não só a mais vista da história, como o evento internacional de maior audiência em todos os tempos - só na derradeira partida 1, 013 bilhão de espectadores. Em todos os jogos, o número saltou para 3,2 bilhões.

Há algum tempo, o jornalismo esportivo brasileiro ganhou seu espaço, contrariando a opinião dos intelectuais de séculos passados (Coelho, 2008, p. 7-8). Mota (2010) relembra como, a partir da Copa do Mundo de 50, o brasileiro adquiriu uma nacionalidade latente através da prática futebolística. No torneio de 70, com a chegada das transmissões coloridas a devoção transbordava sempre que finalizavam as partidas. "As pessoas saíam às ruas, faziam passeatas, engarrafavam o trânsito, buzinaavam sem parar, e todos faziam das ruas a extensão da TV [...] A conquista do tri-campeonato consagrou o Brasil como o país do futebol" (MOTA, 2010, p. 169-170). Esse sentimento nacional contribuiu diretamente com o aumento da proeminência da cobertura jornalística especializada em práticas esportivas.

O esporte é tão importante que há um departamento específico para ele nos meios de comunicação. (PROSINI, 2016).

Segundo o relato do repórter da Globo Nordeste, Casé⁹(2013), o jornalismo esportivo é sua grande paixão por causa da liberdade que oferece para os profissionais.

Jornalismo esportismo atualmente é uma mescla entre informação e entretenimento. Não adianta ser burocrático ao fazer uma reportagem de jogo ou de treino que ninguém vai gostar. É importante que o repórter consiga achar algum atrativo extra dentro daquele assunto. (CASÉ, 2013).

Infotainment é o neologismo que traduz esse jornalismo, onde “a notícia torna-se espetáculo e faz parte de uma espécie de *show* de informações” (SOUZA, 2004, p. 130). Já para Coelho (2014), a palavra-chave do nicho é espontaneidade. Outras exigências são: conhecimento do assunto, capacidade de improviso, criatividade e desenvoltura.

⁸ FIFA. COPA DO MUNDO DA FIFA. 1994/2014. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/worldcup/>>. Acesso em: jul. de 2014.

As informações foram acessadas antes de concluir a edição brasileira da Copa. Atualmente, o órgão não disponibiliza a página em português.

⁹ Roger Casé é formado em jornalismo, pela Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP). Começou sua carreira na TV em Caruaru, na TV Asa Branca. Hoje, trabalha na Rede Globo NE, SporTV e Premier Futebol Clube (PFC) como repórter esportivo.

Nos primórdios do jornalismo esportivo, por volta dos anos 50, os cronistas escreviam literaturas enamoradas. Não existia tanto compromisso com a realidade quando tratava-se de narrar partidas ou relatar os fatos. Nessa mistura literária criavam-se os semideuses, esportistas tidos como heróis pela grande massa. Os símbolos supremos brasileiros são Pelé e Senna. Revelando assim que, mesmo após o declarado ufanismo ter ficado para trás, a comunicação esportiva jamais será meramente objetiva, e ainda hoje carrega algumas dessas características do passado.

Crônicas recheadas de drama e de poesia enriqueciam as páginas dos jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam. Até jogo violento, [...] era por eles tratado com rara dramaticidade. Essas crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses. (COELHO, 2008, pag. 17)

Ayrton Senna, tricampeão mundial de Fórmula 1, um desses ídolos nacionais, teve em sua morte uma das maiores espetacularizações do esporte na TV. Era 1º de maio de 1994, época de ouro do automobilismo no país. Após acidentarse em uma corrida transmitida, ao vivo, para milhares de telespectadores no mundo, fora velado com honras de chefe de estado brasileiro. O cortejo, lotado, fora televisionado e narrado, em tempo real. "Muito da Fórmula 1 morreu com o Ayrton Senna... Nos anos seguintes, isso era perceptível nos números [...] em audiência", constatou Leme [2016?].¹⁰ A afirmação transparece o quanto a criação desses mitos entrelaça-se com o esporte; com o tom dado a cobertura dele e o espaço designado na programação da TV. A *media* esportiva depende desses seres olímpicos.

Além do espetáculo em torno do que poderia ser uma mera atividade fisiológica, não fosse a comunicação; a estrutura e linguagem ideal em torno de transmissões e matérias esportivas precisam de algo em comum tanto nos cronistas de 50, quanto nas reportagens, narrações e apresentações da sociedade atual: sintonia com o nicho.

4 MULHERES NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO

¹⁰ Frase do jornalista Reginaldo Leme, sem informação de ano, para o Webdoc esporte - Fórmula 1: Vitórias de Ayrton Senna. Ver em <http://memoriaglobo.globo.com>.

Assim como em praticamente todas as esferas sociais, a inserção feminina no jornalismo deu-se de forma gradual. Barbosa (1999), jornalista, data esse arranque, em solos brasileiros, "na segunda metade" do século XX. Nos primórdios a contribuição era segregadora. As poucas desbravadoras da área escreviam sobre assuntos domésticos e tidos como exclusivamente de seus interesses. Para Barbosa (1999), ao mesmo tempo em que as damas avançavam no jornalismo, conquistavam uma tribuna onde poderiam lutar contra discriminação e em favor de seus direitos

Em uma nação de dimensão continental, pelejas vencidas em algumas regiões podem demorar a alcançar as demais. Castro (2011), jornalista da Rede Globo, declarou que na região Nordeste, "principalmente há 20 e poucos anos, a presença masculina no telejornalismo era muito forte".¹¹ Porém, foi em Pernambuco, um estado nordestino, que se principiou a quebra de domínio masculino no alto escalão das mídias.

O primeiro pilar dessa trincheira em que, no passado, o predomínio masculino era absoluto, foi derrubado no Diário de Pernambuco, que levou 150 anos para colocar uma mulher na chefia de sua Redação [...] No ano do Sesquicentenário do jornal mais antigo em circulação da América Latina, fui nomeada Editora Geral. É claro que a reação foi enorme. De piadas a muxoxos ouvi de tudo. (BARBOSA, 1999, p. 207)

Quanto à participação da mulher no telejornalismo esportivo, observamos que, nos últimos anos, muitas conseguiram seus espaços na apresentação de programas do gênero. É o caso de Mylena Ciribelli e Glenda Kozlowski. Outras destacaram-se como repórteres: Fernanda Gentil e Cris Dias são algumas delas. Há, também, aquelas especialistas em futebol. Renata Fan é a expoente. Além de ter sido a primeira a apresentar e comentar futebol em rede nacional, é a única a opinar sobre esse esporte no sinal aberto. Contudo, o sexo não consolidou-se em alguns ofícios dessa editoria - como as narrações.

A diferença numérica entre os gêneros nas redações esportivas, no geral, ainda é grande. Nos primórdios da década de 70, a distinção era em maior escala. Raramente, ou quase nunca, via-se uma representante feminina em coberturas de práticas esportivas (COELHO, 2008).

¹¹ A frase foi retirada de declarações que compõem o perfil da profissional, no site Memórias Globo.

Casé (2013) revelou: dos 30 profissionais na redação do Globo Esporte PE, apenas 3 eram mulheres em 2013. Em 2016 já eram 4, enumerou Claudia Prosini, editora da equipe. As afirmações de Casé e Prosini confirmam o dado científico do especialista Coelho (2008). A presença feminina é de 10% nas redações do país. Embora haja maior índice de população feminina no Brasil.

"[...] em estádios de futebol, autódromos ou ginásios há mais homens do que mulheres, é normal que haja também índice diferente [...] nas redações. Normal não é que haja preconceito. Homens e mulheres devem ter os mesmos direitos" (COELHO, 2008). Narrativa que confirma e embasa cientificamente os relatos empíricos de Casé (2013):

Encaro a participação das mulheres no jornalismo esportivo com muita naturalidade. Quanto à capacidade, acredito que estejam em condições iguais aos homens. Nem mais nem menos. Uma mulher comandando um programa esportivo pode se dar tão bem como um homem.

Em outras palavras, Coelho (2014), representante feminina faz uma alusão à cultura machista e separatista desde a infância:

Quando você nasce [...] ganha uma boneca e não uma bola de futebol. Com o tempo, você escolhe a bola e esquece a boneca. Essa é a única diferença. No trabalho, somos todos iguais. Se a diferença não estiver na sua cabeça, não vai estar na de ninguém.

Portanto, é consenso entre o teórico Coelho (2013) e os jornalistas especializados que uma mulher pode destacar-se na comunicação de esportes tanto quanto o homem se destacou durante as décadas iniciais.

4. 1 O PERFIL DA MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO

"No passado, especialmente entre repórteres, houve grandes profissionais mulheres. O melhor exemplo talvez tenha sido Regina Ritter [...] Quando ela começou, certamente havia muito mais preconceito do que hoje". (COELHO; 2008, p.35). Se Ritter desbravou a comunicação esportiva radiofônica em 80, Claudia Prosini e Izabela

Scalabrini¹² exemplificam as que encarregaram as primícias na televisão brasileira. Ambas na Globo. Izabela começou a cobrir o esporte em 1983, no Pan Americano de Caracas. Além de ter feito parte da equipe que embrionou o Globo Esporte¹³, foi a primeira representante do sexo feminino a apresentá-lo sazonalmente.

Em fevereiro de 1990, recém formada em jornalismo pela UFPE, a paulista Claudia Prosini, começara na praça pernambucana da emissora criada por Roberto Marinho. O prógono na editoria também foi no GE. Há 26 anos, Prosini fora a primeira mulher a trabalhar especificamente com esporte no estado, e uma das primeiras a cobrir futebol, ao vivo, no estádio, para a mídia televisiva.

Na época, os jornalistas que cobriam os jogos futebolísticos, não tinham os espaços de hoje para realização de entrevistas com jogadores, a chamada zona mista ou sala de imprensa. Homens e mulheres da mídia aventuravam-se entre um banho de final de partida e uma troca de roupa dos atletas, para cumprirem suas pautas. Izabela Scalabrini não foi uma delas. Claudia Prosini (2016), sim:

No começo era mais difícil. As entrevistas coletivas eram feitas dentro do vestiário. Eu ficava num cantinho, de frente para a parede, esperando que os jogadores se vestissem para entrevistá-los. Hoje é bem mais fácil.

Além dessa intempérie a qual todas profissionais submetiam-se em prol da informação e paixão ao ofício, tiveram que ouvir por muito tempo que elas não entendiam de futebol.

"O veterano repórter Oldemário Touguinho, do Jornal do Brasil, telefonava para a redação durante as grandes coberturas e procurava o editor. Quando este indicava uma mulher para recolher o material [...] Oldemário se recusava a entregar os relatos" (COELHO, 2008). Esse fora apenas um dos exorbitantes momentos ao qual o gênero feminino teve seu trabalho diminuído pelo sexismo.

¹² Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/isabela-scalabrini/trajetoria.htm>>. Acesso em: 03 out.2016.

¹³ "Globo Esporte foi criado em agosto de 1978. No início, era dedicado quase que exclusivamente à cobertura dos torneios estaduais e nacionais de futebol. Mas, já no primeiro ano, apresentava também sobre motociclismo, tênis, boxe, natação, basquete, entre outras modalidades esportivas. Aos poucos [...] foi abrindo mais espaço para os esportes amadores, pouco divulgados na televisão", afirma o Memórias Globo. O GE, como também é conhecido, é produzido em todas as afiliadas e sucursais da emissora carioca.

Prosini (2016) conta alguns casos desse período, onde as jornalistas esportivas sentiam o machismo muito mais forte:

Lembro de um treinador que cismou comigo porque eu era mulher, por achar que eu não deveria trabalhar com futebol. Quando fazia reportagens no campo de futebol, sempre ouvia gracinhas dos torcedores. Xingamentos também. Se o time perde o torcedor fica querendo achar um culpado. Pobre da repórter que passa na frente deles, dentro do campo, naquele momento. Mas sou otimista e acredito que um dia isso vai acabar.

Bárbara Coelho (2016) diz que não sofre dificuldades por ser mulher na editoria, e nunca foi discriminada, pelo menos abertamente. Nascida no Espírito Santo, passou por emissoras como Esporte Interativo e Band, antes de apresentar o Tá na Área¹⁴, atualmente, no SporTV. Aventureira, a capixaba chegou a vender seu único carro para custear uma cobertura independentemente da Copa do Mundo 2010. Na edição do torneio em 2014 e nas Olimpíadas do Rio já era contratada da atual emissora e experimentou o olhar televisivo desses eventos megalomaniacos.

Já Sabrina Rocha (2016) não respondeu se enfrentou alguma dificuldade por ser mulher no esporte e se já foi vítima de sexismo na profissão.

De Bragança, no Pará, a veterana formou-se em comunicação em 1997. Teve passagem pela TV Cultura em seu estado natal, em rádios e na TV Liberal. Em 2003 entrou para o time de repórteres da Globo, em Recife. Três anos mais tarde, voltou a atuar na editoria desportiva, após um hiato.

Todas as entrevistadas concordam que o espaço feminino no nicho alavancou-se com os anos. Rocha (2016) lembra que a mulher demorou a entrar no mercado de trabalho e, conseqüentemente, nas coberturas da especialidade. Entretanto, destaca que as barreiras ainda estão sendo quebradas. Uma delas é a ausência de representantes do gênero nas narrações de futebol. Para Prosini (2016) essa é uma área a ser conquistada. Recentemente, a Globo retirou Glenda Kozlowski do comendo do Esporte Espetacular, para transformá-la em narradora. Ainda não é sabido se desbravará o futebol ou apenas outras modalidades menos machistas. O SporTV, por sua vez, pretende dar esse passo

¹⁴ O Tá na Área é um programa esportivo, vespertino, veiculado diariamente na emissora fechada SporTV. Apresentado desde 20013 por Bárbara Coelho e Thiago Oliveira.

histórico na inserção feminina nas narrações futebolísticas¹⁵. O nome da jornalista não fora escolhido, mas nos próximos anos será válido analisar qual o espaço da mulher nesse setor. Coelho (2014) analisou:

Hoje temos muito mais engenheiras também. A mulher é capaz de desempenhar qualquer função em qualquer área

Quando aborda-se temas sobre representatividade da mulher, há muito espaço para as questões estéticas. Algumas das perguntas que poderiam ser respondidas por especialistas, inseridos nas maiores emissoras de TV aberta e fechada são sobre a suposta necessidade de a profissional apresentar no currículo beleza, para garantir uma vaga nesse campo. E se os programas apresentados por essas profissionais tendem a ter uma maior audiência, graças ao poder atrativo da estética. Essas duas hipóteses foram levantadas ao assistir programas de várias televisões e observar que, geralmente, os destaques nas apresentações e reportagens são mulheres bonitas, jovens e magras. Idosas de cabelos brancos e obesas não são perfis recorrentes.

Rocha (2016) viu-se incapaz de opinar por não entender quais critérios da chefia para contratação. Coelho (2014) exprimiu:

Qual beleza? A de capa de revista? Não. Todo mundo tem a sua beleza. A TV vive de imagem, consequentemente, pede beleza, simpatia e naturalidade.

Prosini (2015) emitiu relato similar:

A beleza pode até ser a cereja do bolo, mas não é fundamental. Aliás, conceito de beleza é muito relativo. O bonito para um pode ser feio para outro. O vídeo engorda. Por isso há uma preocupação em manter o peso, aliás, no esporte, que remete a “uma vida saudável” é sempre bom dar o exemplo. Quanto à pessoa ter que ser jovem para estar na telinha, estão aí Mônica Silveira, Beatriz Castro, Sabrina Rocha, Georgia Kyrillos e tantas outras para desmentir.

Tratando da segunda questão abordada, o consenso foi que programas esportivos, independentemente de serem ancorados por homens ou mulheres, terão boa

¹⁵ As informações são do UOL e jornalista Flávio Ricco. Disponível em: <<http://tvefamosos.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2016/11/02/glenda-apoia-iniciativa-do-sportv-em-colocar-mulher-para-narrar-futebol.htm?cmpid=fb-uolent>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

audiência se o conteúdo for o diferencial. Outro ponto ligado à estética são as regras impostas pelas empresas de televisão, para suas funcionárias que trabalham diretamente com o vídeo. Mesmo com mais liberdade e informalidade, o nicho, nas mídias televisivas, possui exigências, Coelho (2014) e Rocha (2016) exprimiram a necessidade de discrição visual. Ou seja, não chamar mais atenção que a informação. No SporTV, cabelo curto, unhas claras e maquiagem suave. Na Globo Nordeste, sem muitas exigências, apenas acessórios minúsculos e roupas sóbrias.

O outro questionamento: desnível salarial. A única a manifestar-se, Prosini (2016) reverberou que há nos bastidores conhecimento de que as mulheres no jornalismo esportivo ganham menos que os homens. O que não reflete a realidade da empresa na qual exerce sua função de editora.

Mesmo com essa crescente de especialistas na área, o domínio é deles. Embora, para a experiente Claudia Prosini (2016), atualmente o destaque do esporte, na telinha, é feminino:

E não é pela aparência física, apenas. Fernanda Gentil tem uma naturalidade e desenvoltura que poucos homens têm. E vamos continuar ganhando mais e mais espaço. Pode escrever.

Sabrina Rocha encara a participação feminina na editoria de forma primordial, relembrando que cresceu acompanhando o olhar feminino no esporte e que ele foi diferencial e primordial para construção da narrativa esportiva que conhecemos hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os últimos eventos esportivos internacionais sediados no Brasil levantaram várias questões na mídia. Corrupção no esporte, *doping*, protestos contra investimentos milionários em estádios. A própria comunicação esportiva ficou em evidência e foi discutida.

Nesse artigo, abordou-se o cenário contemporâneo do jornalismo esportivo. Além das pesquisas bibliográficas, sentiu-se a necessidade de ouvir das próprias profissionais da área, qual o real lugar do gênero feminino em um ambiente por décadas

segregador. O método utilizado foi entrevista textualizada via *e-mail*. Foram selecionadas dez profissionais atuantes no desporto. Porém, só 3 responderam às questões. Sendo essas as fontes ouvidas, entre 2014 e 2016. O critério de escolha fora proeminência em seus canais. Bárbara Coelho (2014), Claudia Prosini (2016) e Sabrina Rocha (2016) foram as entrevistadas.

Para contribuir na construção do estudo, pela propriedade que tem na editoria, o especialista de três canais televisivos, Roger Casé (2013), também fora questionado sobre alguns aspectos. Seus relatos aparecem ao longo do corpo textual, com exceção do tópico "Quem são essas mulheres e o que pensam"?

Verificou-se um breve apanhado histórico dos sub-temas importantes ligados à raiz geral. São eles: gênero e jornalismo esportivo. Após teórica em livros e periódicos *online*, mais a análise empírica da mídia televisiva brasileira, notou-se que o descrédito de intelectuais do passado, apontado por Coelho (2008), não afetou o surgimento e consolidação de uma editoria especial designada para a cobertura do esporte.

Evidenciaram-se as características linguísticas, herdadas do passado: traços literários, criação de heróis nacionais, ufanismo, adicionadas às contemporâneas: leveza e liberdade, que visam tornar a informação esportiva atrativa, menos burocrática e próxima do entretenimento, sem perder o foco que é noticiar.

No espaço dedicado à luta de sexos, viajou-se por as batalhas feministas de séculos passados, como as contribuições de Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges pelos direitos da classe. A mundialmente famosa ‘‘queima de sutiã’’, onde feministas reivindicavam a quebra de estereótipos de beleza, em Atlantic City, durante o tradicional concurso Miss América. Além do incêndio na Triangle Shirtwaist, e as centenas de vítimas dizimadas devido às péssimas condições de trabalho. Figuras que, até a contemporaneidade, exercem representatividade na busca de direitos equânimes entre todos os indivíduos. Observou-se, também, que mulheres de vanguarda como Dilma Rouseff na política e Marta no futebol, não tornaram esses campos menos masculinizados. Assim como em várias profissões o indivíduo feminino é minoritário nos congressos e gramados. A única grandeza está na discrepância de rentabilidade.

Embora, só tenha se inserido no jornalismo esportivo em meados da década de 70, a mulher é importante no nicho, e sua relevância, muitas vezes, é superior a masculina. Como exemplificou Prosini (2016) ao citar Fernanda Gentil como a referência contemporânea.

Os relatos dos jornalistas entrevistados para esse estudo confirmam os dados do Número e Gênero (2016) e do referencial teórico de Coelho (2008): a média de mulheres nas redações de esportes é cerca de 10% da totalidade.

Mesmo como parcela minoritária, na atual fase da imprensa esportiva, o sexismo do passado - lembrado por Coelho (2008), ao citar Oldemário Touguinho, do Jornal do Brasil, e Prosini (2016), ao citar sua carreira na década de 90 - é mais atípico. A profissional Coelho (2015) confirmou não sofrer discriminação em sua profissão por ser mulher. Rocha (2016), por alguma questão pessoal, não deu sua opinião sobre esse ponto.

Todos os entrevistados, incluindo Casé (2013), acreditam que o espaço e a posição feminina na cobertura esportiva são crescentes. Embora, as três comunicadoras frisassem a necessidade da inserção feminina em campos ainda restritos ao domínio masculino: como as narrações de futebol. Em alguns anos é um tópico que merece ser revisitado e analisado em profundidade.

Sobre a equidade salarial no nicho, apenas Claudia Prosini (2016) pronunciou-se. Por sua fala, entende-se que não há similitude em rentabilidade na comunicação esportiva, contudo, não é o caso da Globo NE, empresa onde foi uma das pioneiras em cobertura de futebol, ao vivo, direto dos gramados, e presta serviços há mais de 25 anos. Esse é um item carente de maior aprofundamento e base para outro projeto.

Apesar de destacarem a importância de uma preocupação estética das TVS, o trio de especialistas não concordou plenamente, com a necessidade de a jornalista ter uma beleza inalcançável, para conquistar seu espaço.

Prosini (2016) resume bem a resposta à questão chave desse trabalho de conclusão de curso:

Acho que espaço feminino está sendo conquistado aos poucos. Uma questão cultural demora a mudar. Mas as mulheres estão ocupando cada vez mais uma área que era restrita aos homens, décadas atrás. Muita coisa já mudou. E vai continuar mudando. [...] Estão em toda a parte. Na editoria de esportes: ancoram, fazem reportagem, ao vivo. Ainda não existem narradoras de futebol. Essa é uma área a ser conquistada!

Além de equilíbrio em rendimento, oportunidades e segurança para todos os gêneros. Espera-se que, na próxima década, novas pesquisas tratem da temática,

trazendo perspectivas e resultados distintos. Apresentando mulheres consagradas em narrações de práticas esportivas, essencialmente as mais restritas: futebol e automobilismo.

ABSTRACT

The female has had its consolidated space in the editorial offices and heads of media. However, they are a minority in the sports editorials. This study has as general challenge to understand women's participation in sports television journalism. First of all, they are intended to review the gender fights and the characteristics of sports television journalism, interrelated fields to the main goal. Empirically adding sports experts reports of Brazilian television media, who contributed their views and experiences through textualized interviews. Qualitative reports associated with bibliographic content show that despite the minority stake, space and relevance of women in TV programs on deport grown in recent decades. However, there are still places to be achieved.

Key words: Telejournalism Sports. Woman. Sport.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRINO, Viviane Aparecida. **A mulher no jornalismo esportivo**: Análise da participação feminina no Telejornalismo brasileiro. 2011. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) – Cornélio Procópio, Faculdade Cristo Rei, 2011.

ANNAN, Kofi. **Como invejamos a Copa do Mundo**. Folha de SP, São Paulo, 9 jun. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0906200608.htm>>. Acesso em: 27 de setembro de 2016.

Beauvoir, Simone de. **O segundo sexo** / Simone de Beauvoir. In: MILLIET, Sérgio (trad.). - 2. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

BORELLI, Viviane. **O esporte como uma construção específica no campo jornalístico**. In: Congresso Anual em Ciência da Comunicação. XXV. 2002. Salvador: Artigo... Intercom, 2002. 22 f. Disponível em: <<http://evaldomagalhaes.tripod.com/jornalismoesportivo1.pdf>>. Acesso em: julho de 2014.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. 2016. **Campanha do TSE “Igualdade na Política” será lançada no Congresso Nacional**. Disponível em<<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2016/Marco/campanha-do-tse-201cmulher-na-politica201d-sera-lancada-no-congresso-nacional>>. Acesso em: 07 de setembro de 2016.

BRAVO, Débora Vasconcellos Tavares. **Elas assumiram o comando**. As mulheres jornalistas, no mundo do telejornalismo esportivo. 2009. 52 f. Monografia (Bacharel em Jornalismo) – Viçosa, Universidade Federal de Viçosa, 2009.

CASÉ, Roger. Entrevista concedida a Maria da Conceição Martins Santiago da Silva. Taquaritinga do Norte, 26 nov. 2013. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “C” deste artigo].

CERVO, Amado L. e BERVIAN, Pedro A. **Metodologia Científica**: para uso dos estudantes universitários. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

COELHO, Barbara. Entrevista concedida a Maria da Conceição Martins Santiago da Silva. Taquaritinga do Norte, 19 jul. 2014. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “A” deste artigo].

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2008. (Coleção Comunicação).

CHADE, Jamil. **Final da Copa do Mundo foi vista por mais de um bilhão de pessoas**. Genebra: O Estado de Sp. 2014. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,final-da-copa-do-mundo-foi-vista-por-mais-de-um-bilhao-de-pessoas,1564835>>. Acesso em: 07 de setembro de 2016.

DIAS, Helena. **11 fatos femininos que marcaram a história**. Corpo a Corpo, 2012. Disponível em: <<http://corpoacopo.uol.com.br/blogs/mulher-de-corpo/11-fatos-femininos-que-marcaram-a-historia/2017#>>. Acesso em: 19 de setembro de 2016.

EXPOSIÇÃO das atletas na mídia esportiva. **Gênero e Número**. Disponível em: <<http://www.generonumero.media/atletas-na-tv/>>. Acesso em: 03 out. 2016.

FIFA divulga números de audiência da Copa de 2014: mais de 1 bi na final. Suíça, **Globo Esporte**, 16 dez. 2015. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2015/12/fifa-divulga-numeros-de-audiencia-da-copa-de-2014-mais-de-1-bi-na-final.html>>. Acesso em: 07 de setembro de 2016.

FERRAZ, Marilourdes. **A presença da mulher nas redações**. Recife, Mongraf Gráfica e Editora, 1999. 120 p. (Série Grandes Nomes da Comunicação).

LUTTERBACH, Maria. **Mania de musas**: As atletas segundo a mídia esportiva. Rio de Janeiro, [03 out 2016?]. Disponível em: <<http://www.generonumero.media/mania-de-musa-as-atletas-segundo-a-midia-esportiva/>>. Acesso em: 03 de outubro de 2016.

MATOS, S. A evolução histórica da televisão brasileira. In: Vizeu, Alfredo; Porcello, Flávio; Coutinho, Iluska (Orgs). **60 anos de Telejornalismo no Brasil**: História, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010, p. 23-55.

MORAES, Osvando J. de. In: Comunicação e Esportes. MARQUES, José Carlos; **Esportes na Idade Mídia**: diversão, informação e educação. São Paulo: Intercom, 2012. 356 p.

MORAIS, Osvando J. de (Orgs). **Esportes na Idade Mídia**: diversão, informação e educação. São Paulo: Intercom, 2012. 356 p.

GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade; CAMARGO, Vera Regina Toledo: **Amemória da imprensa esportiva (re) contada através da literatura**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1815-2.pdf>>. Acesso em: 27 de setembro de 2016.

HOHLFELD, Antonio. Apresentação: Revisão oportuna. In: Vizeu, Alfredo; Porcello, Flávio; Coutinho, Iluska (Orgs). **60 anos de Telejornalismo no Brasil**: História, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010, p. 13-16.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **MULHER NO MERCADO DE TRABALHO**: PERGUNTAS E RESPOSTAS, 08 março 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf>. Acesso em: 07 set. 2016.

LIBERTADORES 2019 só para clube com time feminino. **O Tempo**, Assunção, 01 out. 2016. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/superfc/libertadores-2019-s%C3%B3-para-clube-com-time-feminino-1.1379406>>. Acesso em: 01 out. 2016.

MAZOTTE, Natália. **As mulheres recebem menos na maioria dos esportes**. Gênero e Número. 2016. Disponível em: <<http://www.generonumero.media/mulheres-recebem-menos-na-maioria-dos-esportes/>>. Acesso em: 21 set. 2016.

MELO, V. A. de. Causa e Consequência: Esporte e Imprensa do Rio de Janeiro no Século XIX e Década Inicial do Século XX. In: Comunicação e Esportes. MARQUES,

José Carlos; MORAIS, Osvando J. de (Orgs). **Esportes na Idade Mídia**: diversão, informação e educação. São Paulo: Intercom, 2012, p. 103-124.

MEMÓRIA GLOBO. **Beatriz Castro**: Trajetória. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/beatriz-castro.htm>>. Acesso em: 03 out. 2016.

MEMÓRIA GLOBO. **Webdoc esporte – Fórmula 1**: Vitórias de Ayrton Senna. Vídeo (7min16s). Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/videos/idvideo/3229910/title/webdoc-esporte-formula-1-vitorias-de-ayrton-senna.htm>>. Acesso em: 08 set. 2016.

MOTA, Célia Ladeira. Imagens do Brasil: televisão e memória social. In: Vizeu, Alfredo; Porcello, Flávio; Coutinho, Iluska (Orgs). **60 anos de Telejornalismo no Brasil**: História, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010, p. 157-178.

NADAL, Paula. **Por que 8 de março é o Dia Internacional da Mulher?** Disponível em: <<http://novaescola.org.br/conteudo/301/por-que-8-de-marco-e-o-dia-internacional-da-mulher>>. Acesso em: 09 out. 2016.

NETFLIX completa cinco anos no Brasil com faturamento maior que de emissora de TV [infográfico]. **Tudo Celular**, 13 set. 2016. Disponível em: <<http://www.tudocelular.com/android/noticias/n78453/netflix-5-anos-brasil.html>>. Acesso em: 14 set. 2016.

OSCAR politizado expõe temas quentes da sociedade americana. **BBC**, 27 fev 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150223_oscar2015_politica_cc>. Acesso em: 03 out. 2016.

PROSINI, Claudia. Entrevista concedida a Maria da Conceição Martins Santiago da Silva. Taquaritinga do Norte, 16 set. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “B” deste artigo].

RAOUL, José Silveira. 1975. **Desenvolvimento da televisão no Brasil**. O Estado de S. Paulo, 4 out. 1975. P. 5 (Suplemento do Centenário).

REZENDE, G. J. de. 60 anos de jornalismo na TV brasileira: percalços e conquistas. In: Vizeu, Alfredo; Porcello, Flávio; Coutinho, Iluska (Orgs). **60 anos de Telejornalismo no Brasil**: História, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010, p. 57-81.

ROCHA, Karine. **Sementes da revolução**. Revista de História. 1 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/sementes-da-revolucao>>. Acesso em: 19 de set. 2016.

ROCHA, Sabrina. Entrevista concedida a Maria da Conceição Martins Santiago da Silva. Taquaritinga do Norte, 08 set. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “D” deste artigo].

SOUZA, José Carlos Aronchi de. *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira*. São Paulo: Summus, 2004.

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. (Orgs.) **60 anos de Telejornalismo no Brasil**: História, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010, 218 p.

APÊNDICE A – ENTREVISTA BARBARA COELHO (2014)

Onde nasceu? Nome? Onde se formou em jornalismo e em que ano?

R: Bárbara Coelho. Vitória, ES. Me formei na Faesa, em 2010

Qual a sua trajetória profissional desde a faculdade até hoje?

R: Meu primeiro estágio foi numa empresa de eventos, chamada VEM! Eu queria ganhar um dinheirinho, não tinha apego pela profissão. Quando voltei do Maracanã, encantada pelo jornalismo esportivo, pedi demissão nessa empresa e fui tentar uma chance na Rádio Espírito Santo. Um colega de faculdade disse que abria uma vaga lá, mas que dificilmente eu conseguiria porque o chefe era muito bravo. “Sem problemas”, eu disse. Fiquei uma semana pedindo ao senhor Jair Batista uma oportunidade. Venci ele pelo cansaço. Logo depois, fui convidada a estagiar na TV Capixaba, filiada da Band. Pouco tempo já estava na bancada, o programa tem o mesmo formatado do antigo Jogo Aberto Rio, com Garotinho, Gérson... De manhã eu ia pra TV, a tarde rádio e à noite faculdade. Mas eu queria era trabalhar no Maracanã! Disse aos meus pais que queria morar no Rio. E que pra chegar no Rio com “moral” (jeito bem adolescente de falar) precisava ir pra Copa! Era a chance da minha vida. Fiz um projeto para tentar patrocínio, em vão. Vendi meu carro e fui. Na África fiz flashes na programação da rádio, e escrevi no meu blog. A TV Capixaba não se interessou que eu fizesse alguma coisa pra eles. Acabou a Copa, me mudei pro Rio. De ônibus! Comecei a dividir “apê” com umas colegas. Meus pais me deram seis meses. Seis meses era o prazo para conseguir algo. Em um mês comecei a trabalhar na Rádio Popular em Duque De Caxias, de graça. Um amigo que fez a cobertura da pré-temporada Vasco e Fluminense no Espírito Santo-eu fiz essa cobertura pela TV Capixaba- me deixou os contatos e disse: “se for morar no Rio, me avisa. Vejo o que posso fazer lá”. Por isso consegui essa oportunidade na Rádio Popular. Depois bati na porta do Esporte Interativo, pedi para fazer um teste e consegui a vaga. Alias, não existia a vaga! Eles criaram para eu entrar, foi muito legal. Um dos melhores lugares que trabalhei, sem dúvidas. Mas eu queria algo mais.

Qual a diferença do número de mulher e homens, na emissora onde trabalha atualmente?

R: Quando você nasce, você ganha uma boneca e não uma bola de futebol. Com o tempo, você escolhe a bola e esquece a boneca. Essa é a única diferença. No trabalho, somos todos iguais. Se a diferença não estiver na sua cabeça, não vai estar na de ninguém.

Quais as maiores dificuldades que uma mulher sofre nessa editoria?

R: Eu não sofro com nada. Gostaria de apresentar um programa de debate, mas acho que tenho que comer muito feijão com arroz pra isso rs. Mas não acho que não consigo por ser mulher.

A história de que vendeu o carro para cobrir a Copa 2010 procede? Como foi a experiência? Em que ela acrescentou na sua profissão?

R: Acrescentou muito, nossa! Todos que eu contei aqui no Rio, ficaram encantados com a história. Jornalisticamente, sinceramente, não aprendi muito. Fui aos jogos como torcedora, não tinha acesso ao centro de mídia. Mas foi uma experiência incrivelmente inexplicável, rs. Nunca vivi nada igual! Quando a Copa começou no Brasil, bateu muita saudade.

Já sofreu algum tipo de discriminação por ser uma representante feminina, em um meio muito masculinizado?

R:Nunca. Se algum dia falaram foi por trás rsrs.

Como uma jovem representante dessa editoria, como encara a participação da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro?

R: Como em todas as áreas, cresceu muito. Hoje temos muito mais engenheiras também. A mulher hoje é capaz de desempenhar qualquer função em qualquer área. Basta ela ter vontade e se interessar. A sociedade respeita o nosso trabalho. É uma mudança de dentro pra fora. Nós passamos a nos impor, e as pessoas passaram a aceitar e a respeitar. O preconceituoso, nesses casos, está muito fora de “moda” RS

Para garantir uma vaga nesse campo, é necessário que a profissional também apresente no currículo beleza?

R: Qual beleza?A de capa de revista? Não. Todo mundo tem a sua beleza. A TV vive de imagem, consequentemente, pede beleza, simpatia e naturalidade.

Em relação à estética de uma jornalista dessa editoria, quais as regras, os limites, o que é imposto (a questão de tamanho de cabelo, de maquiagem, de estilo de roupa)?

R: Aqui no Sportv é indicado o cabelo mais curto, unhas claras e maquiagem serena. Sem exageros. Roupas adequadas que não tirem o foco do Jornal.

No programa que apresenta no canal Sportv as pautas são, em sua maioria, sobre futebol?

R:Depende. Nosso guia são os eventos que estão acontecendo. Hoje, por exemplo, vamos transmitir as semifinais da Liga Mundial de Vôlei. Teremos um espaço grande para esse esporte. O futebol acaba predominando pelo seu extenso calendário, mas não existe uma prioridade: vamos falar MAIS sobre futebol.

Acha que programas esportivos apresentados por mulheres tendem a ter uma maior audiência, graças ao poder atrativo da estética delas?

R: Sem resposta, né? Rs Claro que não!

Na prática quais as maiores diferenças do jornalismo esportivo e das demais editorias?

R: Os jornalistas mais experientes que tive a oportunidade de conversar, dizem que quem trabalhar no meio esportivo, está capacitado a trabalhar em qualquer editoria. O Jornalismo Esportivo exige de você muito mais improviso, criatividade, desenvoltura. Se você faz bem isso, tira de letra qualquer outro trabalho.

Qual a principal qualidade que um jornalista esportivo deve possuir (algo referente a texto, ou a algum tipo de desempenho...)?

R: Espontaneidade. Esporte pode ser jornalismo, mas também é entretenimento. Tem que conhecer o assunto, só assim você conquista a confiança de quem está em casa.

APÊNDICE B - ENTREVISTA CLAUDIA PROSINI (2016)

Onde nasceu? Nome? Onde se formou em jornalismo? Em que ano?

R: São Paulo, capital, mas vim morar no Recife ainda criança, aos 8 anos de idade. Cláudia Prosini. UFPE. 1988.

De onde surgiu o interesse pelo jornalismo esportivo?

R: Ainda na adolescência, na época de torcedora, nos campos de futebol.

Qual a sua trajetória profissional no jornalismo/ jornalismo esportivo, desde a faculdade até hoje?

R: Entrei no curso de Comunicação Social, que foi dividido em publicidade e jornalismo. Optei por jornalismo. Estagiei na Rádio Cidade FM, TV Universitária e trabalhei na TV Pernambuco. Fui convidada a trabalhar na TV Globo em fevereiro de 1990. Nos primeiros 8 meses fiz cobertura na geral. Como havia demonstrado interesse em trabalhar com esportes, fui chamada para a equipe do Globo Esporte pelo então editor chefe, Paulo Moraes. Na época fui a primeira jornalista no Estado de Pernambuco a trabalhar especificamente com esporte. Depois muitas outras vieram.

Qual diferença do número de mulher e homens, na emissora onde trabalha, atualmente? Segundo Casé, em 2013, na Globo NE, eram aproximadamente 3 mulheres entre 20 profissionais no total. Continua esse número?

R: No Esporte hoje temos Georgia Kyrillos na chefia de reportagem do GE. Repórteres Sabrina Rocha e Nathália Dielú. Eu na edição. Todos os outros são homens (Josimar, Marcelo, Lula Moraes e Leo Aquino). Repórteres homens são: Roger, Diogo, Victor e Tiago. O apresentador e chefe de redação é George Guilherme. Narradores: Rembrandt e Rodrigo Raposo. Produtores: Juan e Daniel Santana. Sem contar a equipe do GE.com – que não tem mulheres.

Quais as maiores dificuldades que uma mulher sofre nessa editoria? Principalmente você, que de acordo com Sabrina, foi uma das pioneiras na cobertura, ao vivo, de futebol. Nesses anos cobrindo esporte, passou por algum caso em especial? Conte.

R: No começo era mais difícil. As entrevistas coletivas eram feitas dentro do vestiário. Eu ficava num cantinho, de frente para a parede, esperando que os jogadores se vestissem para entrevistá-los. Hoje é bem mais fácil, com sala de imprensa, etc. Acredito que as mulheres têm muito mais espaço hoje. E aquela história de que “mulher não entende de futebol” ficou no passado.

Como foi esse pioneirismo seu em cobrir futebol, ao vivo? Em que ano? Na época, como era a participação da mulher no jornalismo esportivo? Como foi avançando na profissão e vendo as quebras de barreiras femininas?

R: Quando começaram as transmissões ao vivo (não me lembro exatamente o ano), eu viajava pelo interior para cobrir o campeonato pernambucano. Havia uma moça em Vitória de Santo Antão, que também participava por uma rádio. Mas a quebra mesmo de barreiras foi bem antes, no começo dos anos 90. Nesse período, sim, a gente sentia o machismo muito mais forte. Lembro de um treinador que cismou comigo porque eu era mulher, por achar que eu não deveria trabalhar com futebol. Por outro lado, o fato de ser mulher agradava muitas pessoas que tinham a cabeça mais aberta.

Paulo Vinicius Coelho, em um dos poucos livros sobre o jornalismo esportivo fala que: *‘talvez não haja área do jornalismo tão sujeita a intempéries quanto a cobertura de esportes. O profissional enfrenta o preconceito dos próprios colegas, que a consideram uma editoria menos importante, e também o público, que costuma tratar o comentarista ou repórter esportivo como mero ‘palpiteiro’*. Concorda com a afirmação de Coelho?

Não concordo. O esporte é tão importante que há um departamento específico para ele nos meios de comunicação. Acho também que em todas as áreas o bom profissional é sempre respeitado. Quem sabe fazer bem seu trabalho pode se destacar na geral ou no esporte.

Já sofreu algum tipo de discriminação por ser uma representante feminina, em um meio muito masculinizado? Comente sobre.

O trabalho de editora hoje é bem mais tranquilo para mim, que na época em que era repórter. Quando fazia reportagens no campo de futebol, sempre ouvia gracinhas dos torcedores. Xingamentos também. Quando o time perde o torcedor fica querendo achar um culpado. Pobre da repórter que passa na frente deles, dentro do campo, naquele momento. Mas sou otimista e acredito que um dia isso vai acabar.

Como uma representante dessa editoria, como encara a participação da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro, hoje, nacionalmente? O que mudou? O que não mudou?

R: As mulheres avançaram muito. Estão em toda a parte. Na editoria de esportes, ancoram, fazem reportagem, ao vivo... ainda não existem narradoras de futebol. Essa é uma área a ser conquistada!

Qual o histórico real de mulheres na frente do programa, na Globo NE?

R: Eu apresentei o Globo Esporte durante muito tempo, mas não como titular. Substituí Natan e Rembrandt. Fiz apresentação fixa de Esportes no Bom Dia Pernambuco, antes de ter meu primeiro filho. Depois Rembrandt assumiu o posto em um período que eu fui deslocada para a geral. Georgia também passou muitas vezes pela apresentação. Sabrina Rocha também apresenta o Globo Esporte e mais recentemente Nathália Dielú.

Para garantir uma vaga nesse campo, é necessário que a profissional também apresente no currículo beleza? Não vemos uma idosa e gordinha na editoria. Geralmente os destaques são mulheres bonitas, jovens e magras.

R: A beleza pode até ser a cereja do bolo, mas não é fundamental. Aliás, conceito de beleza é muito relativo. O bonito para um pode ser feio para outro. Não sei se você já ouviu falar, mas o vídeo engorda, ou seja, as pessoas aparentam mais peso quando estão na tela da TV. Por isso há uma preocupação em manter o peso, aliás, no esporte, que remete a “uma vida saudável” é sempre bom dar o exemplo. Quanto à pessoa ter que ser jovem para estar na telinha, estão aí Mônica Silveira, Beatriz Castro, Sabrina Rocha, Georgia Kyrillos e tantas outras para desmentir.

No programa que participa, as pautas são, em sua maioria, sobre futebol?

R: Sim, a maioria. É o carro chefe, mas os outros esportes também têm espaço. Veja o exemplo dos jogos olímpicos.

Como é a abordagem em relação aos textos, reportagens, onde você trabalha? Quais os diferenciais que pretendem passar, que os destacam de outras editorias e TVs?

R: Como o programa é na hora do almoço, procuramos uma linguagem menos “boleira”, que agrade também a dona de casa que está com a TV ligada durante o almoço. Claro que a meta é a informação, mas tentamos dar um tom de conversa, mais divertido, de entretenimento, quando isso é possível.

Acha que programas esportivos apresentados por mulheres tendem a ter uma maior audiência, graças ao poder atrativo da estética delas?

R: Acho que não importa se o apresentador é homem ou mulher. O importante é fazer um bom programa, que informe, divirta e passe bons exemplos e histórias edificantes.

Na prática, quais as maiores diferenças do jornalismo esportivo e das demais editorias?

R: Além do conteúdo, o tom mais coloquial, descontraído e menos formal com que passamos as informações.

Qual a principal qualidade que um jornalista esportivo deve possuir? (algo referente ao texto, ou a algum tipo de desempenho, etc.)

R: Estar sempre bem informado sobre o que está acontecendo nos esportes de uma maneira geral. Conhecer regras e ler. Ter conhecimento sobre o conteúdo que vai cobrir. E ter um texto leve e descomplicado para contar boas histórias.

Na história do jornalismo esportivo observamos que, primeiramente, a linguagem era poética, nem sempre tão realista. Na época, textos bem literais, apaixonados, criaram o amor brasileiro pelo futebol. Após um tempo houve a preocupação em algo mais técnico/ realista. Hoje, como você enxerga a atual maneira de se conta história na editoria?

R: Em geral, o esporte é visto como entretenimento, o que nos faz usar uma linguagem direta e mais divertida. Mas ainda há espaço para a paixão e para o “real”. Cada caso é um caso.

Ainda existe um abismo entre o futebol feminino e masculino - e em muitos esportes. Desde os investimentos financeiros, até a abordagem midiática. Ex: tudo que Neymar faz vira assunto, muitas vezes não nas páginas de fofoca, mas no “jornalismo esportivo”, já o que Marta, eleita 5 vezes a melhor jogadora do mundo faz, é de desconhecimento do povo. Como igualar, ou diminuir as diferenças?

R: Divulgando cada vez mais o esporte, despertando assim o interesse dos patrocinadores. É um trabalho que vem sendo feito. Veja como foi nos jogos Olímpicos. Em certo momento, o jogo das mulheres chamou mais atenção que o dos homens. Talvez com o tempo, isso mude. O importante é divulgar, cobrir e não deixar de lado quando os jogos olímpicos terminam. Atualmente estamos mostrando a participação do Vitória (feminino) na Copa do Brasil.

Pelo tempo em que vive nessa editoria, sabe informar se há, ou já existiu diferença salarial de homens para mulheres (não em sua empresa, mas no geral, em PE)?

R: A gente ouve falar que sim. Na nossa empresa não vejo isso. O repórter é contratado com um salário inicial, que pode melhorar com o tempo e promoções.

Saiu no UOL recentemente, que Glenda, agora ex- Esporte Espetacular deixa o dominical para virar comentarista e dedicar-se em casos de reportagens especiais. A mulher, apesar de já ter se inserido há algum tempo no esporte, ainda é minoria em, mesas redondas (só Renata Fan faz esse tipo de programa, na rede aberta, nacionalmente), coberturas como comentaristas... Como enxerga essa barreira?

R: Acho que espaço está sendo conquistado aos poucos. Uma questão cultural demora a mudar. Mas as mulheres estão ocupando cada vez mais uma área que era restrita aos homens, décadas atrás. Muita coisa já mudou. E vai continuar mudando. Hoje a apresentadora de esportes mais em evidência é uma mulher. E não é pela aparência física, apenas. Fernanda Gentil tem uma naturalidade e desenvoltura que poucos homens têm. E vamos continuar ganhando mais e mais espaço. Pode escrever.

APÊNDICE D - ENTREVISTA SABRINA ROCHA (2016)¹⁶

Onde nasceu? Nome? Onde se formou em jornalismo? Em que ano?

R:SABRINA ROCHA. NASCI EM BRAGANÇA, NO PARÁ. CURSEI JORNALISMO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ EM 1997.

De onde surgiu o interesse pelo jornalismo esportivo?

R:NA VERDADE O ESPORTE ME ESCOLHEU. QUANDO CONSEGUI MEU PRIMEIRO ESTÁGIO SÓ HAVIA VAGA NA EDITORIA DE ESPORTES. PRA NÃO PERDER A OPORTUNIDADE, TOPEI. ACABE ME APAIXONANDO PELA ÁREA E FIQUEI.

Qual a sua trajetória profissional no jornalismo/ jornalismo esportivo, desde a faculdade até hoje?

R:FIZ ESTÁGIO NA TV CULTURA, EM BELÉ. TRABALHEI EM RÁDIO LÁ TAMBÉM. DEPOIS FUI CONTRATADA PELA AFILIADA DA TV GLOBO, A TV LIBERAL. EM 2003 COMECEI A TRABALHAR NA TV GLOBO NORDESTE, NA EDITORIA GERAL. EM 2006 VOLTEI PARA O DEPARTAMENTO DE ESPORTES.

Qual diferença do número de mulher e homens, na emissora onde trabalha, atualmente?

R:OS HOMENS SÃO A MAIORIA. AINDA. MAS HÁ MUITO TEMPO TEMOS MULHERES NA EQUIPE. CLÁUDIA PROSINI, POR EXEMPLO, ESTÁ NA EDITORIA DE ESPORTES HÁ 25 ANOS. ELA FOI UMA DAS PRIMEIRAS MULHERES DO BRASIL A FAZER TRANSMISSÃO, AO VIVO, DE JOGO DE FUTEBOL.

Quais as maiores dificuldades que uma mulher sofre nessa editoria?

R:SEM RESPOSTA

Paulo Vinicius Coelho, em um dos poucos livros sobre o jornalismo esportivo fala que: *‘talvez não haja área do jornalismo tão sujeita a intempéries quanto a cobertura de esportes. O profissional enfrenta o preconceito dos próprios colegas, que a consideram uma editoria menos importante, e também o público, que costuma tratar o comentarista ou repórter esportivo como mero ‘palpiteiro’*. Concorda com a afirmação de Coelho?

R: SIM, EXISTE ESSE TIPO DE PRECONCEITO. MAS É CADA VEZ MENOR. TEMOS GRANDES JORNALISTAS QUE SAÍRAM DESSA EDITORIA PARA A GERAL E DERAM SHOW: MARCOS UCHOA, PEDRO BASSAN, TADEU SCHIMTH...

Já sofreu algum tipo de discriminação por ser uma representante feminina, em um meio muito masculinizado? Comente sobre.

R: SEM RESPOSTA.

¹⁶ O uso de caixa alta nas respostas foi uma escolha da entrevistada, ao responder as perguntas. Foi decidido não fazer modificação na formatação.

Como uma representante dessa editoria, como encara a participação da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro, hoje, nacionalmente? O que mudou? O que não mudou?

R:NÃO CONSIGO ENXERGAR COMO SERIA A COBERTURA SEM NÓS MULHERES. CRESCI ACOMPANHANDO O OLHAR FEMININO NO ESPORTE E ASSEGURO QUE ACRESCENTAMOS MUITO.

Até pouco tempo era raro ver uma mulher apresentando o GE PE. Você por vezes apresenta. Qual o histórico real de mulheres na frente do programa, na Globo NE?

R:NÃO ACHO QUE ERA RARO NÃO. EU ERA CRIANÇA E MILENA CERIBELLI APRESENTAVA O GLOBO ESPORTE. DEPOIS VIERAM OUTRAS. QUANDO CHEGUEI AO RECIFE, CLÁUDIA PROSINI APRESENTAVA O GLOBO ESPORTE. EM BELÉM, EU CHGUEUE A APRESENTAR TAMBÉM. ACHO QUE JÁ TEMOS ESSE ESPÇAO HÁ ALGUM TEMPO.

Para garantir uma vaga nesse campo, é necessário que a profissional também apresente no currículo beleza? Não vemos uma gordinha na editoria. Geralmente os destaques são mulheres bonitas, jovens e magras.

R:COMO DIRIA GLÓRIA PIRES: “NÃO SOU CAPZ DE OPINAR”. RSRRSRSRS NÃO TENHO CONHECIMENTO SOBRE OS CRITÉRIOS DA CHEFIA.

Esteticamente, quais as regras de beleza impostas em sua emissora (a questão de tamanho de cabelo, de maquiagem, de estilo de roupa)?

R:A ÚNICA RECOMENDAÇÃO É NÃO CHAMAR MAIS ATENÇÃO QUE A INFORMAÇÃO. OU SEJA, EVITAR BRINCOS GRANDES, COLARES CHAMATIVOS...

No programa que participa as pautas são, em sua maioria, sobre futebol?

R:SIM. É O ASSUNTO DE MAIOR INTERESSE.

Como é a abordagem em relação aos textos, reportagens, onde você trabalha? Quais os diferenciais que pretendem passar, que os destaquem de outras editorias e TVS?

R:ALÉM DA INFORMAÇÃO, QUE É SEMPRE PRIORIDADE, TEMOS QUE CONTAR A HISTÓRIA COM MUTA CRIATIVIDADE.

Acha que programas esportivos apresentados por mulheres tendem a ter uma maior audiência, graças ao poder atrativo da estética delas?

R:PREFIRO ACREDITAR QUE O CONTEÚDO É O MAIS IMPORTANTE.

Na pratica quais as maiores diferenças do jornalismo esportivo e das demais editorias?

R:NOSSA COBERTURA É MAIS LEVE. TEMOS MAIS LIBERDADE PARA CRIAR E BRINCAR COM O TEXTO.

Qual a principal qualidade que um jornalista esportivo deve possuir? (algo referente a texto, ou a algum tipo de desempenho...)

R:DEVE AMAR ESPORTES. SE NÃO EXISTIR ISSO, ESQUEÇA.

Como foi trabalhar em uma Copa ou Olimpíadas aqui no Brasil? Relate um pouco sobre a experiência se tiver vivido.

R:FOI SENSACIONAL. VER TANTAS CULTURAS, IDIOMAS E POVOS NUM MESMO LUGAR FOI FASCINANTE. O ESPORTE, APESAR DA COMPETITIVIDADE, AGREGA .

Na história do jornalismo esportivo observamos que, primeiramente, a linguagem era poética, nem sempre tão realista. Na época, textos bem literais, apaixonados, criaram o amor brasileiro pelo futebol. Após um tempo houve a preocupação em algo mais técnico. Hoje, como você enxerga a atual maneira de se conta história em sua editoria?

R:COMO FALEI ANTERIORMENTE, A INFORMAÇÃO É O MAIS IMPORTANTE. É PRECISO FAZER QUE O PÚBLICO ENTENDA O QUE É DITO. BUSCAMOS UM TEXTO QUE CONVERSE COM O PÚBLICO. INFORMALIDADE É O MELHOR CAMINHO.

Ainda existe um abismo entre o futebol feminino e masculino - e em muitos esportes. Desde os investimentos financeiros, até a abordagem midiática. Como igualar, ou diminuir as diferenças de um para o outro, tratando-se do esporte mais importante para o brasileiro?

R:ACHO QUE ESTAMOS CAMINHANDO...MAS SERÁ UMA LONGA CAMINHADA. O FUTEBOL FEMININO PRECISA DE ADAPTAÇÕES ARA SE TORNAR ATRATIVO PARA O PÚBLICO.

Pelo tempo em que vive nessa editoria, sabe informar se há diferenças salariais de homens para mulheres?

R:NÃO SEI.

Saiu no UOL essa semana, que Glenda, agora ex- Esporte Espetacular deixa o dominical para virar comentarista e dedicar-se em casos de reportagens especiais. A mulher, apesar de já ter se inserido há algum tempo no esporte, ainda é minoria em redações, mesas redondas, coberturas como comentaristas... Como enxerga essa barreira?

R:NÓS, MULHERES, DEMORAMOS A ENTRAR NO MERCADO DE TRABALHO. MAIS INDA NO JORNALISMO ESPORTIVO. ESTAMOS QUABRANDO BARREIRAS E CONQUISTANDO O ESPAÇO. GLENDA VAI ARREBENTAR.